

QUINTA-FEIRA / 6 FEVEREIRO / 2020 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT



# IGR<sup>IA</sup> Viva

ENTREVISTA

## "A VISITA PASTORAL DEVE IR AO ENCONTRO DOS LEIGOS"

PE. MÁRIO MARTINS

DOUTORADO EM DIREITO CANÓNICO

P. 03-05





## BREVES

## Francisco: caminho para a felicidade passa por aceitar os próprios limites

O Papa afirmou ontem na audiência pública semanal que o caminho para a felicidade passar por reconhecer-se pobres e “aceitar os próprios limites”, numa reflexão sobre a primeira das bem-aventuranças proclamadas por Jesus Cristo. “Pobre em espírito significa pobre no mais íntimo e mais profundo de si, onde todos nos temos de reconhecer incompletos e vulneráveis”, referiu. Francisco convidou os presentes a “procurar sempre a liberdade do coração, a que tem raízes na nossa própria pobreza”. “Todos somos pobres em espírito, somos mendigos. É a condição humana. O Reino de Deus pertence aos pobres em espírito. Há aqueles que têm os reinos deste mundo: têm bens e comodidades. Mas esses são reinos que terminam. O poder dos homens, mesmo os maiores impérios, passa e desaparece”, advertiu.



## Vaticano ofereceu 700 mil máscaras à China

O Vaticano ofereceu cerca de 700 mil máscaras à China como gesto de solidariedade face à crise provocada pelo novo coronavírus, informou hoje a sala de imprensa da Santa Sé.

“Centenas de milhares de máscaras foram enviadas para a China, desde o Vaticano, para ajudar a limitar a propagação da infecção por coronavírus”, refere o comunicado sobre a iniciativa conjunta da Esmolaria Apostólica e do Centro Missionário da Igreja Chinesa na Itália, com a colaboração da Farmácia do Vaticano. As máscaras foram recolhidas pela Farmácia do Vaticano em várias localidades italianas, para agilizar o processo, e enviadas por avião para a província de Hubei, epicentro da epidemia, e bem como para as províncias de Zhejiang e Fujian, no leste da China.

À hora de fecho desta edição, são 494 as pessoas que morreram devido ao novo coronavírus, sendo conhecidos 24.631 casos de infecção em todo o mundo.



## OPINIÃO

## O namoro da justiça

ANTHONY NASCIMENTO

ADMINISTRADOR CESM – FAMÍLIA ESPIRITANA

Fevereiro não escapa aos dias mundiais sobre as mais diversas temáticas com mais ou menos relevância e mais ou menos interesse e um deles salta particularmente à vista. Talvez por ser o mais celebrado ou o mais contestado ou em alguns casos até o mais odiado, o dia dos namorados tem a seu favor a fama e a celebridade.

As montras enchem-se das mais variadas expressões artísticas acerca do amor. O dia 14 é um dia que pretende ser belo e único, um pedaço de céu claro no meio das turbu-

lências sentimentais do ano. Uns verão nessa metáfora aérea uma falta de positividade e outros ainda o presságio de uma aterragem difícil. Porém, a maior parte considerará esse dia aproximativamente qualquer, especial mas não assim tão especial.

No final das contas, falou-se em namorados do São Valentim, pôde-se imaginar os corações vermelhos a decorar as lojas dos centros comerciais... mas a justiça social?

Não, a problemática da justiça social não cai aqui de parquedas. Primeiro, porque optar por comparações do foro aeronáutico fica sempre bem em artigos de opinião. Segundo, porque o Dia Mundial da Justiça Social também é em Fevereiro e mais precisamente no dia 20, por iniciativa das

Nações Unidas em 2007, tendo estreado “oficialmente” em 2009. Terceiro... por uma questão de amor. Pois, pode parecer despropositado e deslocado, mas será assim tão claro se é o dia 14 ou o dia 20 que anseia mais por amor?

Ao falarmos de justiça social, apercebemo-nos rapidamente que o conceito não é assim tão óbvio, e que os seus contornos variam bastante de uma cidade para outra, de um país para outro, de um continente para outro. Aliás, é muitas vezes considerada uma matéria para peritos, quando pela sua natureza, devia ser algo verdadeiramente universal. Cada ser humano merece o respeito da sua dignidade e dos seus direitos, respeito próprio a favorecer o vivre ensemble e a felicidade da sociedade.

Neste novo ano, muitos milhões são os que ainda estão a espera do cartão de embarque para a justiça social, por mais estudos que se façam, por mais livros que se escrevam e por mais discursos que se exponham, onde há falta de justiça social, há simplesmente falta de amor... amor precisa-se.

O sinal desta necessidade, é o testemunho de vida de Jesus, da própria acção e forma de acção de Cristo na sociedade, testemunho que sustenta a Doutrina Social da Igreja. Sim, atrás desta denominação pesada de “Doutrina Social da Igreja”, está a simples – mas tão poderosa – expressão do amor ao próximo, do amor de Deus... não tenhamos medo das palavras...

Só o amor é que pode fazer com que a justiça social seja uma realidade visível para todos, porque só o amor permite a empatia, a compreensão, o desprendimento, a gratidão, a entrega... e alguém demonstrou-o da forma mais absoluta com um abraço numa cruz...

A esse quadro, opõe-se a utopia, o pragmatismo, a “realpolitik”...

Não surpreende, o amor à humanidade é bem mais árduo que o amor interessado.

Eis assim para o mundo um desafio do seu tamanho: o namoro da justiça...

JOEL &amp; JASMIN FORESTIERD (UNSPLASH)







## ENTREVISTA

# “A VISITA PASTORAL NÃO É APENAS AQUELE MOMENTO, É O ANTES, DURANTE E DEPOIS”

**JOÃO PEDRO QUESADO** (TEXTO E FOTOS)

O PADRE MÁRIO MARTINS DEFENDEU, EM MAIO DO ANO PASSADO, A SUA TESE DE DOUTORAMENTO EM DIREITO CANÓNICO NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE GREGORIANA, EM ROMA. DEPOIS DE LANÇAR EM LIVRO NA SEMANA PASSADA, NO ESPAÇO VITA, O PADRE MÁRIO EXPLICOU AO IGREJA VIVA A SUA TESE E COMO SE CRUZAM OS CONCEITOS DE VISITA PASTORAL E SINODALIDADE.

**[Igreja Viva]** Para os mais leigos, como é que as visitas pastorais se relacionam com o direito canónico?

**[Pe. Mário Martins]** O tema da visita pastoral é um tema que foi colocado sobretudo – embora depois acabe por encontrar outras ressonâncias, outros cânones – em três cânones do código actual, que são os cânones 396 a 398 e, uma vez que o direito canónico acaba por retratar e abordar todas as temáticas de

Igreja, esta, sendo uma delas, também é abordada, de forma não direi exaustiva, porque isso depois compete também aos cânones paralelos ou então ao direito particular das dioceses abordar, tratar, e depois através também de outros subsídios e de outras obras, como esta, que partem dessa base mas que depois procuram encontrar os caminhos ajustados à realidade de cada país ou de cada diocese, como é o caso.

**[Igreja Viva]** Porquê uma tese sobre as visitas pastorais? É necessário um novo modelo?

**[Pe. Mário Martins]** Este tema surge no contexto de uma formação, de uma especialização na área do direito canónico, e também em conversa, ou a partir de temas abordados na Universidade Gregoriana, na Faculdade de Direito Canónico, com o professor que depois acabou por ser aquele que

acompanhou esta tese até ao fim e também, obviamente, aquilo que já tinha sido uma experiência vivida, da minha parte. A conjugação desses dois factores levou a que este tema fosse escolhido. Depois, não apenas o tema em si, mas também este cruzamento com uma outra categoria, que acaba também por dar título, ou subtítulo, a esta tese, que é "A Visita Pastoral Canónica do Bispo à Diocese – Uma Expressão da Sinodalidade Eclesial".

**[Igreja Viva]** Em conclusão de tudo o que diz na tese, e da realidade que também vive, acha que é necessário mudar alguma coisa na visita pastoral?

**[Pe. Mário Martins]** As mudanças são algo inerente desde sempre e quem conhece a história da Igreja, a tradi-

ção da Igreja, percebe que, sendo, no fundo, duas temáticas abordadas, todas elas com uma longa tradição ao longo da Igreja – desde a sua origem, digamos – foram duas realidades que sempre acompanharam a vida da Igreja, embora cada época tenha a sua acentuação própria e o momento que vivemos é também uma época. Daí a pertinência de se cruzar o tema da visita pastoral com esta categoria da sinodalidade e que nos ajudam, desde logo, a encontrar na visita pastoral uma relação directa com o discernimento da vocação baptismal dos diferentes tipos de fiéis – ou seja, com o modo como cada um é chamado a cultivar e a desenvolver a sua vocação na Igreja, e a colocá-la, na sua especificidade, ao serviço da comunidade, num



espírito de autêntica circularidade sinodal entre o pastor que visita e o pastor que é visitado. Por sua vez, este trabalho, esta tese, esta obra conclui também que este contributo ao discernimento da vocação baptismal dos fiéis é, em última análise, um modo pastoral de o bispo desenvolver também a sua própria vocação, cultivando e concretizando o seu múnus de pastor de uma Igreja particular, de uma diocese. E assim se percebe que a vocação do bispo e a dos fiéis se entrelaçam e fortalecem mutuamente. E por isso é que nós encontramos, aqui, nesta obra, o elemento hierárquico e, simultaneamente, o elemento laical. Ou seja, aquilo que aparentemente poderia parecer uma tese desenvolvida sob o ponto de vista hierárquico é muito desenvolvida do ponto de vista das bases, das comunidades, dos leigos na sua relação com os seus pastores, na sua vida concreta. Depois há aqui um outro aspecto que também provém, tal como o aspecto que referia, de uma nova lógica que o Concílio Vaticano II quis trazer à vida da Igreja e que pretende, também, sublinhar o impacto eclesial que o estilo, os modos e o próprio processo de emprender a visita pastoral tem na vida das comunidades e dos seus organismos fundamentais, tendo em conta o contexto específico e as estruturas de organização pastoral e eclesial existentes. Esta óptica, num claro tom de sinodalidade como experiência eclesial que acompanha sempre, de forma permanente, em base da natureza de comunhão da Igreja e desta necessidade de re-descoberta da vocação baptismal dos fiéis em geral e da que caracteriza o ministério do bispo, afirma que este impacto se deve verificar e proporcionar a articulação das suas várias dimensões – estruturas, organismos, etc. Neste sentido, o tema e a obra sugerem que deve existir uma correlação profunda intrínseca entre a visita pastoral, a paróquia – que aparece descrita no cânone 515, no primeiro parágrafo – ou então uma estrutura eclesial maior, o arceprelado e, de modo particular, a diocese, que é considerado o primeiro nível do exercício da sinodalidade com o seu bispo.

**[Igreja Viva]** Qual é a história da visita pastoral? Como é que ela surge?

**[Pe. Mário Martins]** É um pouco difícil descrevê-la em poucas linhas, até porque uma das duas partes desta obra consiste nesse percurso histórico-jurídico da visita pastoral, que percorre quatro capítulos, partindo o primeiro dos fundamentos históricos e bíblicos e toda a evolução que precede o Concílio de Trento. Aí passamos por fundamentos bíblicos, neo-testamentários, sobretudo, passamos pela prática dos padres da Igreja, passamos por uma fase muito rica – do século VI ao Concílio de Trento –, que passa pelos primeiros concílios ocidentais e por uma certa decadência da prática da visita até a um movimento de pré-reforma que depois culmina com o Concílio de Trento. Depois entramos numa segunda fase, que vai do Concílio de Trento até ao Vaticano II, incidindo sobretudo no Concílio de Trento, na questão da residência dos bispos, da visita pastoral que encontra, neste concílio, a primeira legislação universal, da Igreja universal, sobre a matéria; depois, todo o percurso desde o Concílio de Trento até ao Código de Direito Canónico de 1917, passando por São Bartolomeu dos Mártires – um santo que nos diz muito na nossa Arquidiocese –, São Carlos Borromeu, todas as dificuldades que se encontraram na aplicação do Concílio de Trento, Santo Afonso Maria de Ligório, pelos manuais que foram construídos a propósito desta temática da visita e outras legislações que foram aparecendo no período pós-tridentino. Depois, o Código de 1917, que encontra, que tem quatro dos seus cânones a incidir directamente sobre este tema, os cânones 343 a 346. Depois, na década de 60, surge o Concílio Vaticano II, e aí, como já disse, encontramos aí um marco de relevação e sobretudo incidindo na sua dimensão, na dimensão teológica que traduz, porque é aí que nós encontramos os fundamentos conciliares da visita pastoral, como seja a Igreja como sacramento, a Igreja como povo de Deus, a Igreja como comunhão, a Igreja e o mundo, a própria centralidade da eucaristia que também



define este dinamismo da visita do bispo. Além das categorias eclesiológicas, temos as categorias do múnus episcopal, e tudo isto nos ajuda a perceber a visita pastoral à luz destas categorias e a relacionar o Concílio com a visita pastoral e vice-versa, passando também pela exortação Pastores gregis, etc. Depois, no último capítulo da primeira parte, também neste contexto pós-conciliar e dimensão jurídica que emanou do Concílio Vaticano II, desde o directório sobre o ministério pastoral dos bispos de 1973 ao directório sobre o ministério pastoral dos bispos de 2004, passando pelo Código de Direito Canónico de 1983, onde encontramos três cânones sobre esta matéria, e o Código dos Cânones da Igreja Oriental,

ajuda-nos no fundo a perceber que a dimensão jurídica também acompanhou este instituto ao longo da sua história e de modo muito particular no pós-Vaticano II. É com esta visão de conjunto que nós percebemos o caminho e a evolução deste instituto da visita pastoral, ajudando-nos a perceber – e daí o interesse deste percurso feito – para nós ajudar a perceber o porquê de abordarmos a visita pastoral não apenas como um instituto, ou como mais um instituto, mas como um instituto canónico que é expressão de uma Igreja que é sinodal. Foi isso que procuramos concretizar, a partir deste percurso histórico, na segunda parte.

**[Igreja Viva]** Portanto, a história da visita pastoral po-

de ser dividida em três fases. Em que é que cada uma das fases se pode distinguir das outras?

**[Pe. Mário Martins]** São fases distintas mas consequentes, onde se nota uma evolução, ou melhor, uma acentuação pastoral, eclesial, jurídica, diferente em cada uma destas fases. Como disse, só a partir do Concílio de Trento se legislou, em termos da Igreja universal, sobre este instituto. Mas desde o concílio de Tarragona, no século VI, que se fala, em termos conciliares, ou de concílios particulares, sobre esta matéria. Aliás, é curioso que o segundo concílio de Braga, de 572, também aborda esta questão da visita pastoral e é a primeira vez que se fala e que se dá esta tó-





## A dimensão jurídica também acompanhou este instituto ao longo da sua história e de modo muito particular no pós-Vaticano II. É com esta visão de conjunto que nós percebemos o caminho e a evolução deste instituto pastoral.

nica da visita pastoral como uma visita que deve ir ao encontro dos leigos, não apenas do clero e das paróquias mas também dos leigos que também são comunidade cristã. A visita pastoral também deve ir ao encontro deles. E, como disse, depois do Concílio Vaticano II, não só ao nível deste instituto da visita pastoral mas também ao nível da própria Igreja e de uma acentuação muito peculiar, digamos assim, e por isso é que, por um lado, o instituto da visita pastoral foi determinante na história da Igreja, e ajudou a Igreja a fazer um caminho, mas por outro a história da Igreja foi decisiva na reconversão deste instituto e, nomeadamente, dando-lhe esta aceitação sinodal que não é própria do Concílio Vaticano II mas que encontrou aí uma força diferente. Neste sentido,

podemos perceber ainda melhor em que sentido não apenas devemos conceptualizar a sinodalidade como categoria interpretativa da comunhão de que tanto se fala no contexto conciliar mas também em que sentido a visita surge como sua expressão concreta, permitindo à Igreja realizar uma verdadeira experiência sinodal, transversal e total, tocando e potenciando todas as suas vértebras e, desta forma, os diversos níveis da vida eclesial de uma diocese, de cada comunidade, de cada um dos seus membros.

**[Igreja Viva]** As comunidades paroquiais, a sua estrutura, funcionamento e composição, têm-se alterado bastante nos últimos tempos. Que desafios é que essas alterações trazem a um modelo que, como diz, foi proposto na década de 60 do século passado, no Concílio Vaticano II?

**[Pe. Mário Martins]** Um dos capítulos, o terceiro capítulo, na primeira parte, aborda precisamente o Vaticano II como marco de renovação, efectivamente, na sua dimensão teológica que acabou depois por ter repercussões jurídicas na vida da Igreja. Por isso, nós referimos, por um lado, que o instituto canónico da visita pastoral foi determinante na história da Igreja. Por outro, a história da Igreja foi decisiva na condução e reconversão do mesmo instituto. Aqui refiro-me ao Concílio Vaticano II enquanto marco de viragem, marco de renovação, marco de um caminho renovado que a Igreja procurou e continua a procurar e a querer encontrar. Deste modo, a acentuação das categorias eclesiológicas e do múnus episcopal que o Concílio impulsionou, com as consequentes repercussões jurídicas, como disse, permitem-nos encontrar na visita uma relação directa com o discernimento da vocação baptismal dos diferentes tipos de fiéis, ou seja, com o modo como cada um é chamado a viver, a cultivar, a desenvolver a sua própria vocação e a colocá-la ao serviço dos outros, naquilo que lhe é específico, ao serviço da comunidade, no espírito de autêntica circularidade e a comunidade que é visitada. E é neste circularidade entre o

pastor que visita e a comunidade que é visitada – constituída pelos seus fiéis e por todos aqueles que são baptizados e que são chamados a viver activamente e de forma co-responsável a sua vida cristã que, digamos, a visita pastoral deve acontecer. Percebendo que a visita pastoral não é apenas aquele momento, aquele dia, mas é o antes – aquilo que implicou a sua preparação, que é, digamos, o acto em que acontece e depois, também, o seu desenvolvimento, no fundo e depois, também, a sua continuidade, os resultados, os frutos que daí podem e devem advir.

**[Igreja Viva]** Como é que se prepara uma visita pastoral?

**[Pe. Mário Martins]** Isso daria azo a muitas possibilidades, porque não há propriamente um esquema que possa ser definido para todos os casos, para todas as realidades, como disse – embora esta obra apon-te algumas orientações gerais que podem ajudar a esse momento da preparação para os intervenientes, para os destinatários e no seu objecto, no seu conteúdo. Abordo também a frequência, a duração, o estilo, os modos, prevalecendo sempre, obviamente, este contacto com as pessoas e, depois, percebendo que pode ser desenvolvida esta dimensão estrutural que caracteriza a vida de uma diocese com as suas paróquias, a relação das paróquias com a própria diocese, e sem esquecer o arceprestado, as estruturas intermédias do arceprestado, a realidade paroquial ou as realidades supra-paroquiais – como sejam as unidades paroquiais, como sejam as realidades inter-paroquiais com ou sem o mesmo pastor, mas de preferência com o mesmo pastor – e depois também, como referi, esta consciência de que a visita pastoral tem sempre um antes, um durante e um depois, porque só assim é que se pode consolidar um projecto, seja na própria comunidade que é visitada, seja na diocese vista no seu todo enquanto estrutura mais alargada. Depois, cada realidade, com o seu bispo, deverá encontrar as melhores formas, a melhor estrutura para poder realizar este acto da visita pastoral.





# “A vossa linguagem deve ser: ‘Sim, sim; não, não’. O

## VI DOMINGO COMUM

### ITINERÁRIO

Círio Pascal com a palavra: “Dizê-l’O”.

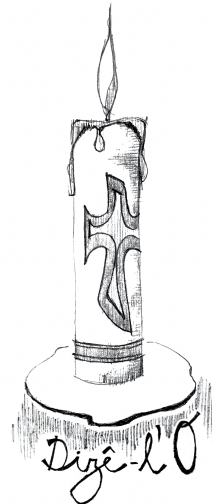


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



### LITURGIA DA PALAVRA

#### LEITURA I Sir 15, 16-21 (15-20)

##### Leitura do Livro de Ben-Sirá

Se quiseres, guardarás os mandamentos: ser fiel depende da tua vontade. Deus pôs diante de ti o fogo e a água: estenderás a mão para o que desejares. Diante do homem estão a vida e a morte: o que ele escolher, isso lhe será dado. Porque é grande a sabedoria do Senhor, Ele é forte e poderoso e vê todas as coisas. Seus olhos estão sobre aqueles que O temem, Ele conhece todas as coisas do homem. Não mandou a ninguém fazer o mal, nem deu licença a ninguém de cometer o pecado.

#### Salmo responsorial

Salmo 118 (119), 1-2.4-5.17-18.33-34

**Refrão:** Ditoso o que anda na lei do Senhor.

#### LEITURA II 1 Cor 2, 6-10

##### Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Nós falamos de sabedoria entre os perfeitos, mas de uma sabedoria que não é deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que vão ser destruídos. Falamos da sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que já antes dos séculos Deus tinha destinado para a nossa glória. Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu; porque se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória. Mas, como está escrito, “nem os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aqueles que O amam”. Mas a nós Deus o revelou

por meio do Espírito Santo, porque o Espírito Santo penetra todas as coisas, até o que há de mais profundo em Deus.

#### EVANGELHO Mt 5, 20-22a.27-28.33-34a.37 (forma breve)

##### Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Se a vossa justiça não superar a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos Céus. Ouvistes que foi dito aos antigos: «Não matarás; quem matar será submetido a julgamento». Eu, porém, digo-vos: Todo aquele que se irar contra o seu irmão será submetido a julgamento. Ouvistes que foi dito: «Não cometerás adultério». Eu, porém, digo-vos: Todo aquele que olhar para uma mulher com maus desejos já cometeu adultério com ela no seu coração. Ouvistes ainda que foi dito aos antigos: «Não faltarás ao que tiveres jurado, mas cumprirás diante do Senhor o que juraste». Eu, porém, digo-vos que não jureis em caso algum. A vossa linguagem deve ser: «Sim, sim; não, não». O que passa disto vem do Maligno”.

### REFLEXÃO

Os exemplos do Evangelho deste Sexto Domingo (Ano A) exortam ao cumprimento radical dos ensinamentos divinos. Jesus Cristo pede aos discípulos que celebrem com o coração purificado e em comunhão, reconciliados uns com os outros. A fasquia é, de facto, exigente, tendo em conta as múltiplas divisões que existem entre nós (até dentro das comunidades paroquiais).

#### Uma boa escol(h)a

Os juramentos eram muito frequentes, naquela sociedade de cultura oral. O Mestre exorta a uma absoluta sinceridade

e veracidade nas relações humanas. E denuncia a falsidade e a mentira. Ser discípulos, mais do que cumprir um conjunto de mandamentos, consiste em seguir o caminho da vida e do amor. É-nos apresentado como uma escolha. Fazer uma boa escolha pode levar-nos mais longe do que pensamos! A decisão é tua. Mas com a certeza de que, ao seguires por outro caminho, estás a desviar-te da identidade própria do cristão. O Evangelho está antes dos nossos critérios e sentimentos. O Evangelho é uma escola inspiradora dos nossos critérios e sentimentos. E nunca indica caminhos impossíveis.

#### ‘Reconcilia-te com o teu adversário’

Primeiro, Jesus Cristo recorda o enunciado da antiga Lei. Depois, estimula a fazer caminho sem perder a orientação. Cita o Antigo Testamento, e acrescenta: “Eu, porém, digo-vos”. Entre outras, concretiza com ousadia: “reconcilia-te com o teu adversário”. Trata-se de pôr em prática o que aprendemos como critério orientador de uma vida saudável. Para o cristão, uma vida saudável é a que se apoia no cumprimento do estilo de vida do Mestre. Neste caso, é preferir o belo e exigente caminho do perdão: “reconcilia-te com o teu adversário”.

A reconciliação tem situações e rostos concretos. Dar o primeiro passo não é uma humilhação. É uma escolha poderosa. É um acto sagrado. Interrompe as tensões. Não evita a pessoa. Nem ignora o sucedido. É uma superação.

#### Acolher ou evitar

Acolher ou evitar é próprio da liberdade humana. Cada um decide o caminho a seguir. Para nós, não pode ser outro senão o de acolher o projecto divino e concretizá-lo no acolhimento mútuo. Esta ‘série’

tem-nos mostrado o quanto precisamos de deixar de ‘evitar pessoas’ para colocar o acolhimento no centro da nossa vida pessoal e comunitária. Não temos direito a julgar. Acolher sem julgar é amor incondicional. Essa é a base desta ‘série’, como estamos a perceber em cada ‘episódio’ dominical. Com mais clareza o vemos, agora que nos aproximamos do final (no último Domingo de Fevereiro). Está tudo no Sermão da Montanha (Mateus, capítulos 5, 6 e 7). O que é que te ajuda ou te prejudica, na prática do acolhimento? Alguns podem referir o comportamento ou as ideias desta ou daquela pessoa. Outros podem dizer que o Evangelho é demasiado exigente. Outros há que se protegem de forma subtil, a ponto de nem se aperceberem a desorientação no caminho. Abre o coração e a vida à força inspiradora do Evangelho, a Boa Nova de Jesus Cristo. É Boa. É Nova. É sabedoria de Deus. É dom do Espírito Santo. Acolhe-a. Vive-a com alegria.

**Reflexão preparada por** Laboratório da Fé in [www.laboratoriodafe.pt](http://www.laboratoriodafe.pt)

### Semear esperança

#### Acólitos

Pôr-se ao serviço de Deus pode parecer loucura aos olhos dos homens. De facto, tudo parece indicar que a realização do homem está na sua autonomia radical para se tornar um “príncipe deste mundo”. De que maneira, no meu serviço do altar, eu manifesto a loucura da Cruz, na qual Jesus diz que é o Servo de Deus?

#### Leitores

Da Lei de Deus não passará a mais pequena letra sem que tudo se cumpra. De que forma, no meu ministério de leitor, eu

# que passa disto vem do Maligno”



## EUCOLOGIA

**Orações presidenciais:** Orações próprias do VI Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 400)

**Prefácio e Oração Eucarística:** Prefácio próprio da Oração Eucarística V/C (*Missal Romano*, 1169ss)



## VIVER NA ESPERANÇA

Nesta semana, procuremos que a nossa linguagem seja, na serenidade, “sim, sim; não, não”. Sem equívocos nem duplicidade, procuremos cultivar a assertividade nas palavras, nos gestos e nas atitudes.



## SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** *Conduzi-me, Senhor, pelos Vossos caminhos* – T. Sousa
- **Apresentação dos dons:** *Se cumprirdes os Meus mandamentos* – C. Silva
- **Comunhão:** *As Vossas palavras, Senhor, são espírito e vida* – C. Silva
- **Final:** *Deus é Pai, Deus é Amor* – F. Silva

manifesto respeito e veneração por cada detalhe do texto, por mais pequeno que seja?

### Ministros Extraordinários da Comunhão

Aquilo que o homem escolher é o que lhe será dado. De que maneira, no exercício do meu ministério e na minha vida, eu manifesto a preferência radical pela Eucaristia, o tesouro mais precioso da Igreja?

## Celebrar com esperança

### Preparação Penitencial

**V.** Senhor, pelas vezes que destruímos a vida dos outros, com a nossa irritação, com as nossas palavras duras e com as nossas falsas acusações, Senhor, tende piedade de nós!

**R.** Senhor, tende piedade de nós!

**V.** Cristo, pelas vezes em que o nosso coração se deixa enganar por maus desejos, pelas vezes em que o nosso olhar não está limpo e pelas vezes em que as

nossas mãos se desviam para as más acções, Cristo, tende piedade de nós!

**R.** Cristo, tende piedade de nós!

**V.** Senhor, pelas vezes em que a nossa linguagem é ambígua, não é clara, não é transparente e não é sincera nem verdadeira, Senhor, tende piedade de nós!

**R.** Senhor, tende piedade de nós!

### Homília

• Continuando o discurso das Bem-Aventuranças, que nos desafia a fazer dos critérios de Jesus os nossos critérios, isto é, a sermos presença do Amor na Terra, agora o Senhor diz que, se a nossa justiça não superar a dos escribas e dos fariseus, não entraremos no reino do Céu. Será isto possível?

• Estamos no contexto da Lei da Deus, em que Jesus nos diz muito claramente que não a veio abolir, mas levá-la a cumprimento. Isto é: Jesus realiza em Si mesmo a Lei, mostra-nos o seu sentido. A Lei não é nova, é antiga, mas o cumprir-se da Lei, esse sim é novo!

• S. Paulo, nas suas cartas, insiste que

não é a lei que nos salva, não é o mero cumprir que nos salva. Na verdade, quando os discípulos perguntam ao Senhor quem é que se pode salvar, Ele responde simplesmente: ninguém se pode salvar, mas a Deus tudo é possível. Só Deus salva! A lei não salva ninguém. Isto significa que não somos nós que nos salvamos a nós mesmos. No entanto, a lei não é má: é boa porque nos indica aquilo que em nós faz crescer a vida verdadeira e aquilo que a sufoca. Por isso, diz-nos S. Paulo que a lei mostra o nosso pecado, mas não pode livrar-nos dele.

• Jesus veio para nos libertar da escravidão da lei, não abolindo a lei, porque teríamos só mais uma nova lei, mas levando-a ao seu cumprimento definitivo. É Ele quem nos mostra o objectivo, o fim, o alcance da lei, cumprindo-a até ao fim. E como faz Ele para a cumprir? Ele que era acusado de não respeitar o Sábado, de não respeitar a lei? Cumpre a lei sendo Amor. Amando. É este o cumprimento da Lei: o Amor.

### Oração Universal

Irmãos e irmãs em Cristo: oremos a Deus

Pai todo-poderoso, para que nos ajude com a sua graça a pôr em prática as palavras de Jesus, suplicando, confiadamente:

**R.** Pela vossa misericórdia, salvai-nos, Senhor.

**1.** Pelo Papa Francisco e pelos bispos que professam a fé apostólica, para que despertem no coração dos fiéis e dos catecúmenos o desejo do Reino dos Céus, oremos.

**2.** Pelos que têm responsabilidades educativas, para que saibam promover a cultura do povo fundada nos mandamentos de Deus, oremos.

**3.** Pelos oprimidos e marginalizados, pelos pobres, pelos aflitos e pelos que sofrem, para que encontrem alívio, consolação e saúde, oremos.

**4.** Pelas mães solteiras e pelos lares separados, para que sintam, da parte dos cristãos, o acolhimento e a ajuda de que precisam, oremos.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em [www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/](http://www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/)

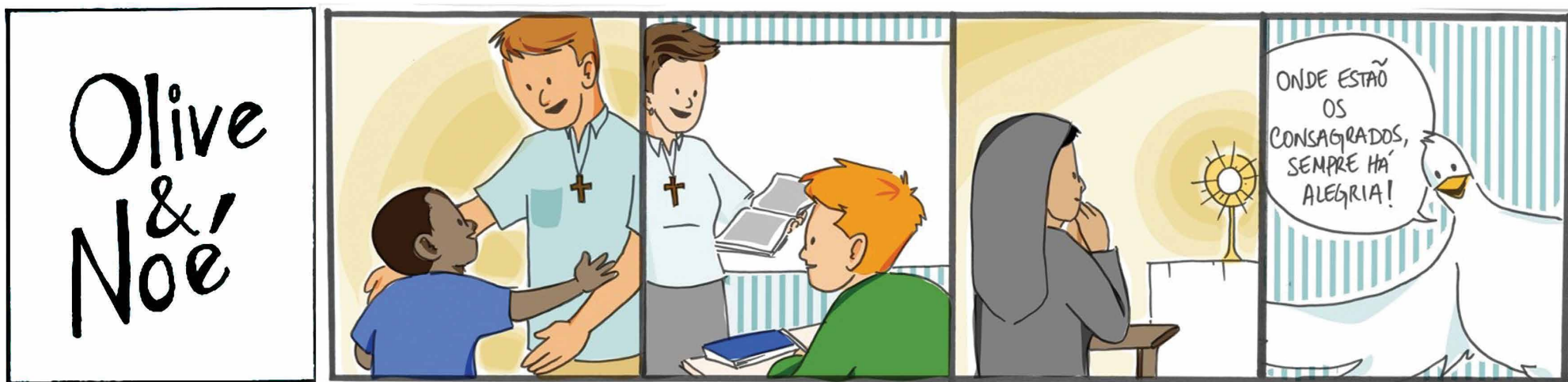
“A vossa linguagem deve ser: ‘Sim, sim; não, não’.”

SEXTO DOMINGO  
ANO A - 2020



LABORATÓRIODAFÉ





## CICLO DE TERTÚLIAS DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA CONTINUA A 17 DE FEVEREIRO



O ciclo de tertúlias da Pastoral Universitária de Braga está de volta para a sua segunda edição.

O ciclo tem a segunda de quatro sessões no dia 17 de Fevereiro, de novo no Centro Pas-

toral Universitário, às 20h30. Depois de no primeiro encontro, que teve lugar a 27 de Janeiro, os jovens presentes serem convidados a reflectir sobre o tema "O relativismo na cultura moderna: que valores nos fazem felizes?", desta feita a reflexão é orientada para os modelos que norteiam a vida dos jovens e as escolhas em momentos de decisão. A sessão "Os jovens buscam modelos a seguir: afinal o que procuram?" vai ser orientada pelo Pe. José Lopes, sj, director da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica.

A terceira sessão terá lugar no dia 30 de Março e abordará "A tentação da religião fácil". O terceiro encontro, no dia 4 de Maio, questiona como ser Igreja nos dias de hoje.

## PE. MIGUEL ALMEIDA É O NOVO PROVINCIAL DOS JESUÍTAS EM PORTUGAL

O Pe. Miguel Almeida foi hoje nomeado como o novo provincial dos Jesuítas em Portugal. O sacerdote de 52 anos sucede ao Pe. José Frazão Correia e toma posse a 20 de Junho de 2020.

Há vários anos em Braga, tem sido um dos assistentes da Pastoral Familiar da Arquidiocese de Braga, assim como superior da Comunidade Pedro Arrupe e delegado do provincial para a formação dos jesuítas portugueses.

O Pe. Miguel Almeida nasceu

em Lisboa em 1967. Ingressou no Noviciado de Coimbra em 1995 e foi ordenado presbítero em Lisboa a 12 de Julho de 2013. Fez os últimos votos, momento de incorporação definitiva na Companhia de Jesus, em Lisboa, em Maio de 2011.

É licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da UCP, em Braga, e em Teologia pela Universidade Gregoriana, em Roma. Fez o mestrado em Teologia Moral no Weston Jesuit School of Theology, em Cambridge, Estados Unidos.

**AGENDA**  
**Viva**

**6** **FEV**  
 IGREJA DE SÃO VÍCTOR  
**MOMENTO DE ORAÇÃO PELA VIDA E VOCAÇÕES**  
**21H15**

**7/8** **FEV**  
 HOTEL SANTO AMARO  
**XV ENCONTRO NACIONAL DA PASTORAL PENITENCIÁRIA**  
**09H30**

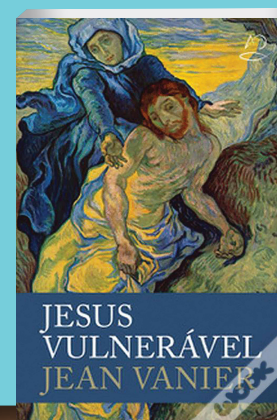
**15** **FEV**  
 ESPAÇO VITA  
**I ENCONTRO DA CATEQUESE DE ADOLESCENTES**  
**09H30**

**LEVANTA-TE E VIVE A PALAVRA**

LIVRARIA  
 DIÁRIO DO MINHO  
**LIVRO DA SEMANA**  
**9€**

**10%**  
 Desconto

## JESUS VULNERÁVEL JEAN VANIER



"Jesus Vulnerável" é uma meditação sobre a fragilidade que todos levamos no mais íntimo de nós mesmos. Fragilidade que Jesus assumiu plenamente, fazendo-Se humano como nós. Fragilidade que o Autor descobre em si, vivendo há mais de cinquenta anos numa comunidade que acolhe pessoas com deficiências físicas e mentais, naturalmente frágeis e vulneráveis e, por isso, profundamente humanas.

